

NOTÍCIAS CNTV



Boletim Eletrônico

Confederação Nacional dos Vigilantes - Brasília - DF 23/05/2014 - Edição 1045

Projeto-piloto de segurança volta ao debate nesta segunda em Recife

A Contraf-CUT e o Sindicato dos Bancários de Pernambuco voltam a se reunir com a Febraban nesta segunda-feira (26), às 14h, em Recife, para continuar o trabalho de acompanhamento do projeto-piloto de segurança bancária, implantado há nove meses em 209 agências da capital pernambucana, Olinda e Jaboatão dos Guararapes. Trata-se de uma das conquistas das negociações da Campanha Nacional dos Bancários de 2012.

Também deverão participar da quinta reunião do Grupo de Trabalho (GT) os demais atores envolvidos no projeto-piloto, como a Secretaria de Defesa Social (SDS) do governo estadual, as prefeituras das três cidades, os comandos das polícias militar e civil e o Ministério Público.

O projeto-piloto foi assinado no dia 14 de maio do ano passado, com prazo de 90 dias para instalação dos equipamentos previstos (porta giratória com detector de metais, câmeras internas e externas, biombos em frente aos caixas, guarda-volumes e cofres com retardo), além da presença de vigilantes armados e com coletes a prova de balas. A duração é de um ano.



A última reunião em Recife aconteceu no dia 23 de abril, quando foram apresentados números que apontam uma redução de 30% dos assaltos no período de vigência do projeto-piloto.

Expectativas

“Esperamos obter novas informações sobre o andamento do projeto-piloto e aprofundar a análise das ocorrências, incluindo os casos de ‘sadinha de banco’, esse crime que começa dentro dos bancos e que

têm causado a morte de clientes e de outras pessoas”, afirma o secretário de imprensa da Contraf-CUT e coordenador do Coletivo Nacional de Segurança Bancária, Ademir Wiederkehr.

“A expectativa dos bancários é a extensão das medidas do projeto-piloto, que estão sendo testadas e aprovadas, para todas as agências e postos de atendimento de todo o país, a fim de melhorar a segurança e proteger a vida das pessoas”, reforça o dirigente sindical.

Fonte: Contraf-CUT

TST condena Bradesco a indenizar bancário sequestrado com a família

Um bancário sequestrado com a esposa na residência, mantido refém sob a mira de pistolas e obrigado a abrir a caixa forte e o cofre da agência, receberá R\$ 100 mil de indenização do Bradesco a título de dano moral. A Sexta Turma do Tribunal Superior do Trabalho proveu seu recurso e aumentou o valor da condenação, anteriormente fixada em R\$ 50 mil, com fundamento nos princípios da equidade, razoabilidade e, em especial, da proporcionalidade.

O trabalhador foi admitido como auxiliar bancário em março de 1980 pelo antigo Banco do Estado da Bahia (Baneb), incorporado pelo Bradesco. O assalto, segundo relatou na reclamação trabalhista, ocorreu em 1999, em Pojuca (BA), onde era tesoureiro da agência local do banco.

Dois assaltantes renderam ele e a esposa em casa, à noite, sob a mira

de armas, com ameaças de morte o tempo todo. Ele e o gerente geral foram obrigados a abrir o cofre da agência, de onde os bandidos levaram dinheiro e armas dos seguros.

Na reclamação, o bancário afirmou que o episódio lhe causou depressão e tristeza, e acusou o banco de indiferença diante dessa situação.

O Bradesco foi condenado na primeira instância, que fixou em R\$ 500 mil a indenização por dano moral. O Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região (BA) entendeu excessivo o valor, reduzindo-o para R\$ 50 mil, levando o bancário a recorrer ao TST.

Difícil tarefa

“Em outros julgados já tive a oportunidade de ressaltar a difícil tarefa para dimensionar o valor a

ser arbitrado em relação à reparação por dano moral”, afirmou o ministro Aloysio Corrêa da Veiga, relator, ao julgar o recurso na Sexta Turma do TST.

Considerando a extensão dos danos sofridos, doença ocupacional e sequestro, precedentes do Tribunal e com base nos princípios da equidade, razoabilidade e proporcionalidade, o ministro proveu recurso do bancário, para fixar em R\$ 100 mil a indenização pelo sequestro.

A condenação prevê ainda indenização de R\$ 50 mil pelo desenvolvimento de doença ocupacional (tenossinovite, problemas de coluna e de joelhos) decorrentes do trabalho. A decisão foi unânime.

Fonte: TST

“Por unanimidade, delegados de 161 países elegem professor João Felício presidente da CSI



João Felício: Fortalecer a CSI para o embate em defesa dos empregos, salários e direitos

O III Congresso da Confederação Sindical Internacional (CSI) terminou nesta sexta-feira (23) com a eleição do professor João Antonio Felício à presidência da entidade, que representa mais de 180 milhões de trabalhadores e trabalhadoras em todo o mundo. Eleito por unanimidade no Conselho escolhido pelos 1.500 delegados de 161 países presentes em Berlim, o ex-presidente da CUT e

atual secretário de Relações Internacionais da Central, será o primeiro brasileiro e latino-americano a presidir a CSI. Nesta entrevista, João Felício reitera a necessidade de “avanços na política e uma gestão mais participativa na CSI”, a fim de garantir maior presença da Confederação junto às centrais dos cinco continentes e fortalecer a organização, a unidade e a mobilização do sindicalismo contra o retrocesso neoliberal.

Qual a sua avaliação sobre a eleição à presidência da CSI?

Houve uma enorme participação das centrais sindicais de todos os continentes na definição da candidatura e, posteriormente, na eleição. Pelo sistema de rodízio implantado na CSI, esta era a vez das Américas, então, antes de definirmos o nome, consensuamos com as centrais da África, Europa e Ásia a necessidade de ampliar a representação em consonância com o momento político que estamos vivendo. Inicialmente debatemos internamente na CUT e logo articulamos e recebemos o apoio da Força Sindical, da União Geral



Presidente eleito da CSI, João Felício, Presidente da CNTV, José Boaventura e Presidente da CUT, Vagner Freitas

dos Trabalhadores (UGT) e da Confederação Nacional das Profissões Liberais (CNPL), centrais brasileiras que integram conosco a CSI. Esse processo de diálogo e de consulta acabou gerando uma enorme expectativa, pois pela primeira vez um latino-americano, um sul-americano, chega à presidência da principal entidade mundial da classe trabalhadora. Representamos o anseio de mudanças expresso por centenas de centrais, que querem avanços na política e uma gestão mais participativa na CSI.

De que forma estas contribuições poderão ser colocadas em prática?

Tenho larga experiência na construção de consensos. A CSI tem regionais nos cinco continentes e quero ouvir todas antes da definição de qualquer política. Todas as centrais sindicais merecem tratamento igual, independente do seu tamanho ou linha política. Acredito que, com esta linha de atuação, mudando práticas, cultura e pensamento, vamos ajudar a construir uma entidade efetivamente mundial, mais próxima às necessidades da base, mais presente nas lutas dos trabalhadores.

Uma das ações colocadas em prática na CUT é o chamado “consenso progressivo”. Ele pode ser uma alternativa para aplicar esta mudança na CSI?

As histórias, concepções e práticas das centrais são diferentes, bem como suas posições políticas. Pela amplitude e representatividade que tem, a CSI precisa ouvir e ouvir muito, aproveitar a riqueza desta diversidade para convertê-la em fonte permanente de energia. Nem tudo o que eu penso é consenso, assim como nem tudo o que o outro pensa. Ninguém pode se achar dono da verdade ou adotar posturas impositivas que não espelhem a média das entidades filiadas. Esta é a melhor forma de avançar, somando, caminhando juntos. Temos de incorporar todas as contribuições, não podemos desprezar ninguém. Desta forma vamos construindo, progressivamente, o consenso.

Qual a sua avaliação sobre o papel da CSI num contexto de agravamento econômica, particularmente nos países centrais do capitalismo. O que fazer?

Estamos vivendo um dos piores momentos da nossa

história, onde os trabalhadores na maioria dos países estão sendo afetados por reformas neoliberais que representam precarização, arrocho salarial e desemprego. São medidas privatizantes, desregulamentadoras, que desestruturam o Estado, aplicadas a partir de uma forte aliança entre o grande capital – seja financeiro ou das multinacionais – e os governos. Temos presente que assim como organismos internacionais como o G-20, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional estão alinhados, pressionando para que os governos cedam às suas pautas, desconsiderando e desrespeitando o resultado das urnas, devemos nos somar a quem resiste a esta lógica, que precisa mudar. Esta unidade permanente entre governos neoliberais e o capital tem afetado a democracia, provocando o crescimento de grupos fascistas e de extrema direita em muitos países. Por isso a CSI terá de estar atenta a esta disputa, estimulando campanhas para colocar em movimento a classe trabalhadora. Poucos

Líder cutista assume direção da Confederação Sindical Internacional, que representa mais de 180 milhões de trabalhadores dos cinco continentes

são os países em que estamos conseguindo manter postos de trabalho, direitos e salários com aumento real. O Brasil é um deles. Por isso é preciso ir além da pauta trabalhista, necessitamos defender um novo modelo de desenvolvimento,

que seja sustentável, priorize a distribuição de renda e a justiça social. É preciso ter claro contra quem lutamos, que estamos fazendo uma opção política por um modelo que representa o mundo do trabalho.

Qual o principal nó a ser desatado?

Acredito que é a crescente concentração de renda. É inaceitável que, em pleno século 21, tenhamos uma minúscula elite de 300 bilionários com mais recursos do que três bilhões de seres humanos, metade da população mundial. Esta flagrante injustiça tem sido motor de guerras e causa de confrontos com centenas de milhares de mortos em todo o planeta. Acredito que a taxação das grandes fortunas, das heranças e das transações financeiras seria um importante passo, pois isso daria condições aos Estados para garantir políticas públicas, como saúde, educação e segurança. Os recursos existem, mas estão em pouquíssimas mãos. É preciso também elevar os salários em todo o mundo, pois vêm sendo reduzidos em todo o mundo. Nunca ouvi falar que uma empresa tenha falido por conta da folha de pagamento dos seus funcionários.

Outro ponto importante debatido no Congresso da CSI é o impacto dos Acordos de Livre Comércio no mundo do trabalho. Qual a sua opinião?

Os TLCs têm representado a imposição dos interesses das transnacionais, com impactos extremamente negativos para as nossas economias que, via de regra, acabam sendo reduzidas à plataforma de exportação de produtos primários e de mão de obra barata. Sob o mantra de tornar nossas economias competitivas, os defensores do TLC advogam a redução de direitos sociais e trabalhistas. É um círculo vicioso daninho, é como se estivéssemos cavando cada vez mais fundo no poço da desigualdade e da injustiça. Este é um debate que precisa

ser aprofundado, pois sobram exemplos dos efeitos devastadores de tais práticas. Queremos a integração econômica, política, cultural e social, com respeito à soberania e à democracia de cada país.

Diante do tamanho deste desafio, qual a importância da democratização dos meios de comunicação?

A imprensa no mundo todo é profundamente antidemocrática, com as agências de notícias se convertendo em um monopólio, um latifúndio, que não trabalha para consolidar a democracia, mas para defender interesses muito bem definidos, interesses de classe. O movimento sindical sabe disso, pois sofre diuturnamente ataques por defender direitos, empregos e salários dignos, uma pauta que se contrapõe ao retrocesso proposto pelos grandes anunciantes dos jornais e revistas, das emissoras de rádio e televisão. Acredito que para avançarmos, a CSI precisará aperfeiçoar e criar novos instrumentos de

comunicação, trocando experiências e capacitando as entidades filiadas para a disputa política e ideológica, a fim de que as suas ações tenham ressonância e pressionem empresas e governos. A CSI é uma organização nova e muita coisa precisa ser melhorada, principalmente para dialogar com a juventude, incorporando estas dezenas de milhões de jovens que chegam anualmente ao mercado de trabalho para que se integrem à luta. Infelizmente a grande mídia atua como um partido político, como um braço do capital para alienar e desinformar, para que não se veja a enorme potencialidade da força coletiva, exacerbando o individualismo. Por isso ao lado da luta pela democratização da comunicação em cada país, precisamos construir e potencializar os nossos próprios meios.

Fonte: CUT

Movimento sindical pode aproveitar a crise para mostrar que um outro mundo é possível



Presidente da CUT, Vagner Freitas,

“A crise é um momento importante para o movimento sindical internacional assumir o protagonismo e a hegemonia na disputa com os capitalistas em defesa dos direitos da classe trabalhadora”.

Foi com essa afirmação que o presidente da CUT, Vagner Freitas, iniciou seu pronunciamento na plenária no Congresso da Confederação Sindical Internacional (CSI), que discutiu saídas para a crise econômica mundial, que começou em 2008 com a quebra do banco Lehman Brothers, dos Estados Unidos.

Para Vagner, o momento não é de lamúria nem lamentação e, sim, de organizar a base, fortalecer e aumentar a representatividade dos sindicatos para construir alternativas para a crise econômica. “Temos de nos organizar para propor soluções a partir da realidade e das necessidades e anseios da classe trabalhadora”.

Na opinião do presidente da CUT, quem construiu a

crise financeira que ainda afeta grande parte da economia de países da Europa, foram os economistas. E eles, afirmou, já demonstraram que não têm solução. “Na verdade, nunca sugeriram alternativas para nada, mas agora fica mais claro que estão perdidos, sem saber o que fazer”, disse Vagner.

O sindicalista lembrou que a falta de propostas leva alguns economistas e jornalistas econômicos a escrever até sobre uma questão que os sindicalistas brasileiros já debatem há muitos anos e eles ironizavam, que é a diferença entre crescimento e desenvolvimento.

“Não podemos nos contentar simplesmente com o crescimento de PIB em 2%, 3% ou 4% ao ano, quando isso significa também concentração de renda, sem desenvolvimento. Pelo contrário, com aumento de desigualdade social. Os mais ricos ficam cada vez mais ricos e os mais pobres cada vez mais pobres”, argumentou Vagner.

Segundo o sindicalista, esse momento de crise, de falta de propostas dos capitalistas e dos economistas a eles ligados, é o momento do movimento sindical fazer a contraposição, aproveitar a oportunidade, fazer propostas concretas. “Vamos mostrar que um outro mundo é possível, mostrar que temos capacidade de fazer propostas que venham a partir da classe trabalhadora.”

Para Vagner, o grande desafio da nova gestão da CSI é construir uma proposta de enfrentamento da crise e aprofundar a disputa de concepção de sociedade.

O congresso que a Confederação Sindical Internacional está realizando em Berlim, capital da Alemanha, até sexta-feira, vai eleger o primeiro sindicalista das américas, o brasileiro João Felício (secretário de Relações Internacionais da CUT) presidente da entidade.

Fonte: CUT

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Geraldo da Silva Cruz

Jornalista: Pricilla Beine

Projeto gráfico e Diagramação: Anibal Bispo



site: www.cntv.org.br

email: cntv@terra.com.br

Fone: (61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Junior, Térreo, lojas 09-11

CEP: 73300-000 Brasília-DF